



ANDANÇAS TRANS: CLÍNICA PERIPATÉTICA COM ADOLESCENTES NO SUS

TRANS WALKINGS: PERIPATHETICAL CLINIC WITH ADOLESCENTS IN THE SUS

Mariana Dos Anjos Talavera Martelli   Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, São Paulo, Brasil.

ANDANÇAS TRANS: CLÍNICA PERIPATÉTICA COM ADOLESCENTES NO SUS**TRANS WALKINGS: PERIPATHETICAL CLINIC WITH ADOLESCENTS IN THE SUS**Mariana dos Anjos Talavera Martelli¹

Resumo: O presente estudo visa analisar as implicações do território na psicoterapia com enfoque nas questões de gênero a partir de uma clínica peripatética, apresenta relevância, devido à lacuna de trabalhos existentes na literatura sobre gênero e território no Sistema Único de Saúde. Metodologia: 02 encontros de clínica peripatética ligados à ESF. Os resultados obtidos foram: a criação de vínculo terapêutico mais sólido e a compreensão do caso de maneira mais ampla por considerar os fatores sociais, ambientais e psicológicos no próprio território, transcendendo o paradigma dentro-fora da psicoterapia clínica tradicional, proporcionando a operacionalização de um cuidado mais personalizado fortalecendo a capacidade de autocuidado da usuária. Conclui-se que a clínica peripatética serve de resistência às amarras e violências institucionais. É preciso que o SUS, além de ser pensado como uma saúde coletiva, seja vivido enquanto tal.

Palavras-chave: Clínica Peripatética; Gênero; Território; Sistema Único de Saúde.

Abstract: This study aims to analyze the implications of territory in psychotherapy with a focus on gender issues from a peripatetic clinic. It is relevant due to the gap in existing works in the literature on gender and territory in the Unified Health System. Methodology: 02 peripatetic clinic meetings linked to the ESF. The results obtained were: the creation of a stronger therapeutic bond and the understanding of the case in a broader way by considering the social, environmental and psychological factors in the territory itself, transcending the inside-outside paradigm of traditional clinical psychotherapy, providing the operationalization of more personalized care, strengthening the user's capacity for self-care. It is concluded that the peripatetic clinic serves as resistance to institutional constraints and violence. It is necessary that the SUS, in addition to being thought of as a collective health, be experienced as such.

Keywords: Peripatetic Clinic; Gender; Territory; Unified Health System.

¹ Mestranda pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, é psicóloga atuante no SUS e desenvolve pesquisa no campo de Psicologia e Sociedade. E-mail: anjos.martelli@unesp.br

INTRODUÇÃO

Este resumo expandido tem como tema principal o estudo de caso de uma mulher transgênero na adolescência a partir de reverberações de uma clínica errante no SUS. Apresenta como foco conceitual a discussão dos conceitos de território, gênero e clínica peripatética no SUS. O objetivo é analisar as implicações do território na psicoterapia com enfoque nas questões de gênero a partir de uma clínica peripatética. O estudo apresenta relevância, devido à lacuna de trabalhos existentes na literatura sobre gênero e território no Sistema Único de Saúde. Além disso, o discurso neoliberal tem incutido no âmbito da saúde pública práticas profissionais de culpabilização, individualização e medicalização de problemas sociais complexos. A dor pela incongruência de gênero com o sexo biológico é um sofrimento ético-político decorrente de mecanismos normativos, sociais e históricos. Segundo Sawaia (2014), o sofrimento ético-político advém da vivência cotidiana de ser tratado como inferior, subalterno, apêndice inútil da sociedade. Revela a tonalidade afetiva da desigualdade social.

De acordo com Saffioti (2024), gênero diz respeito a uma categoria histórica que regula a relação entre homens-homens, mulheres-mulheres e mulheres-homens. Ademais, Nascimento (2021) afirma que gênero é tanto produto como processo de discursos que produzem o que deve ser considerado feminino e masculino. Nesta perspectiva histórica binária, as transgeneridades ocupam um espaço de não existência, de apagamento e silenciamento.

A psicologia possui um código de ética que orienta os profissionais a agir para eliminar qualquer forma de negligência, discriminação e opressão. No entanto, o CID-10 ainda classifica a transgeneridade como um transtorno. De maneira a contribuir com práticas excludentes, reducionistas e de patologização dos sujeitos.

Visto isso, um dos conceitos norteadores do Sistema Único de Saúde e de grande contribuição para ampliação e contextualização das interrelações na psicologia é a concepção de território. Para Santos (1998), o território vai além de um espaço geográfico, é uma categoria analítica em que nela se inscrevem ações individuais ou coletivas que demonstram relações de poder e contrariedades do momento histórico atual. Toda ação ocorre em um determinado território.

No entanto, as formações em Psicologia persistem com a grade curricular direcionada para o trabalho conjuntamente às elites no modelo neoliberal, em seus consultórios particulares, prevalecendo a concepção individual do sujeito (Perez; Achôa; Silvestre, 2004).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para esse relato de experiência foi a qualitativa, além disso, os acompanhamentos foram realizados de maneira peripatética vinculados à Estratégia de Saúde da Família local que se encontra em um distrito no interior do Estado de São Paulo com 811 habitantes, em sua maioria na zona rural. A clínica peripatética foi um termo cunhado pelo médico Antônio Lancetti para descrever uma prática dinâmica de saúde por meio do cuidado itinerante no próprio território do usuário. Peripatético é uma palavra usada para designar as caminhadas que Aristóteles fazia enquanto ensinava os seus alunos (Antonio; Maia; Vilela; Santos, 2024).

A participante é uma adolescente transgênero que, na época dos atendimentos, possuía 16 anos. Foi realizada inicialmente anamnese conjuntamente com a mãe e encaminhamento para o CAPS Saúde Mental e posteriormente 02 atendimentos ao ar livre no ano de 2024, em semanas subsequentes, e mais 13 consultas na própria ESF. No período relativo aos atendimentos, a autora deste trabalho atuou como servidora pública municipal no cargo de psicóloga responsável pelo serviço de psicologia daquela unidade. A abordagem utilizada para os atendimentos foi a esquizoanálise.

RESULTADOS

A partir da clínica peripatética, foi possível a criação de vínculo terapêutico mais sólido com a usuária e ainda possibilitou a compreensão do caso de maneira mais ampla por considerar os fatores sociais, ambientais e psicológicos no próprio território. Por meio de um fazer que transcendeu o paradigma dentro-fora da psicoterapia clínica tradicional, proporcionando a operacionalização de um cuidado mais personalizado. Visto que interior-exterior fazem parte de uma configuração única e não cindida. Refletir sobre identidade de gênero de maneira integrada ao território,

possibilitou que R.J. fortalecesse sua capacidade de autocuidado e conseguisse falar sobre seus sentimentos e emoções de maneira aberta nos atendimentos de psicologia.

DISCUSSÃO

Durante a presente exposição escrita, a fim de preservar o sigilo, a adolescente será mencionada pela sigla R.J., a qual significa Rio de Janeiro, local onde ela relata ser seu sonho morar. A demanda pelo atendimento da jovem parte das agentes comunitárias que ora a chamavam pelo masculino, ora pelo feminino e relatam ter muita dificuldade em lidar com o caso, pois, R.J não deseja frequentar a escola, perambula pelas ruas todos os dias, envolve-se em brigas, não faz uso adequado das medicações psiquiátricas e tem uma relação conflituosa com a mãe que a deixa para fora de casa quando esta não está na residência.

O primeiro atendimento foi realizado conjuntamente com a mãe. R.J. diz que seu problema está no lugar em que mora e se estivesse em outra cidade, tudo seria diferente. Tem o desejo de casar-se para ir embora. Demonstra agitação e remexe-se constantemente na cadeira. Levanta-se e diz que o atendimento está encerrado. Em um segundo momento, R.J. procura a psicóloga na ESF, esta propõe para a R.J que a leve até o lugar de que mais gosta. R.J. a conduz até o rio, região em que imagina estar no Rio de Janeiro. Também comenta que ninguém passeia com ela, somente para ir a médicos, e que às vezes sente bastante vontade de morrer naquela cidade, lugar em que homens fazem sexo com ela e ainda a culpam.

R.J. adentra o Rio e questiona por que ele não faz ondas e movimenta a água com a mão desesperadamente. Ela condensa no rio seus sonhos e possibilidades de vida que naquele fluxo ainda persistem. Angustia-se pela falta de movimento que deseja em sua vida, quer adulecer logo e poder fugir dessa realidade.

No segundo encontro ao ar livre, a profissional de psicologia pede para que ela mostre o lugar que mais odeia no distrito. Caminha com a psicóloga por toda a área urbana e senta-se na praça vazia, relata que o que menos gosta é não ter ninguém para conversar, em seguida, continua suas andanças, convida a técnica para entrar em sua casa, exhibe seu quarto, senta-se na cozinha e em seu celular mostra fotos de

homens nus perto de sua mãe, após isso, exibe fotos de vestidos e roupas que demonstra desejar comprar. R.J. neste passeio parece mostrar sua solidão e falta de rede de apoio naquele local. Além disso, apresenta o desconforto que sente em sua casa ao ter a necessidade de reafirmar sua identidade para a mãe, por meio das fotos.

Depois desses atendimentos, R.J. procura a psicóloga e dessa vez consegue permanecer no consultório até o encerramento da sessão e o principal tema da sessão muda: do ódio ao território para seus sentimentos e pensamentos sobre identidade de gênero. O sofrimento psíquico de R.J. advém da exclusão e rejeição social do território, além de culpabilização por agressões e violações vividas. Não há espaço para sua identidade, visto isso, R.J. vaga pela cidade e não se fixa em nenhum local. De acordo com Nascimento (2021), as mulheres transgêneras e travestis ocupam o espaço de forasteiras da humanidade e de estrangeiras do gênero, habitando o lugar da não existência. A partir do momento que R.J. tem alguém para acompanhá-la. Possui alguém que olha para si. R.J. floresce na comunidade como alguém que pode ser cuidada, como uma identidade que pode existir e conseqüentemente autoriza-se a falar de si. Adentrar a casa, o quarto e o território de uma pessoa é construir um consultório conjuntamente que vai além dos limites de uma relação sujeito-serviço, é deixa-se ser afetado de maneira humanizada.

Muros não são apenas físicos, mas são construídos a partir de CISTemas, saberes, símbolos e práticas que reproduzem regimes de verdade normalizadores da população, visto que nenhuma ciência é neutra. O anormal é relacionado à pobreza, à negritude, ao desequilíbrio e deve ser amplamente combatido, mudado, enquadrado. Quebrar esse muro é romper com a noção de uma psicologia focada em uma subjetividade fabricada exclusivamente no âmbito individual. A clínica extramuros se ocupa em falar do Outro a partir do lugar desse Outro e não por um suposto sujeito hegemônico detentor de todo saber. Visto isso, o psicólogo pode experimentar outros modos de pensar, sentir e intervir quando sai de seu setting terapêutico, contribuindo para que a visão sobre o caso seja contextualizada de maneira ampla e o vínculo, seja mais sólido, pois o psicólogo abandona a posição hierárquica de ficar em sua sala esperando (Carvalhaes, 2019).

Já o vínculo diz respeito a laços, redes e ligações que o sujeito consegue realizar em seu espaço de vida, cada vez formando novos territórios existenciais, quando o psicólogo contribui para fortalecer a integração entre sujeito e lugares de vida, permite que o indivíduo se pense em outras rotas, de maneiras diferentes no mesmo espaço a partir da experimentação e errância (Conde, 2024). Assim como R.J que após atendimento extramuros não trata mais ela e o ambiente de maneira dicotômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deve-se ressaltar que esse estudo não pretende esgotar todas as possibilidades e complexidade de se trabalhar em relação a questões de gênero no SUS. No entanto, para esse caso específico a clínica peripatética contribuiu de maneira positiva para uma clínica integral do sujeito, a partir de uma compreensão holística da realidade em seu próprio território. Ser silenciado e ocupar o espaço de não sujeito em uma comunidade é uma violência que produz intenso sofrimento psíquico, estar junto nestes espaços é poder dar voz. No entanto, devido há pouca literatura sobre o tema, faz-se importante novos estudos sobre a temática. A clínica peripatética serve de resistência as amarras e violências institucionais. É preciso que o SUS, além de ser pensado como uma saúde coletiva, seja vivido enquanto tal.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, P; MAIA, V; VILELA, A; SANTOS, A. A CLÍNICA PERIPATÉTICA DE ANTÔNIO LANCETTI: UMA REFLEXÃO COM RAÍZES ARISTOTÉLICAS. **Revista Saúde.Com**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 3165-3172, 2024. DOI: 10.22481/rsc.v20i2.14879. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/14879>. Acesso: 18 abr. 2025.
- CARVALHARES, F. CLÍNICA EXTRAMUROS: DECOLONIZANDO A PSICOLOGIA. REVISTA ESPAÇO. **Revista Espaço Acadêmico**, [S.L.], v. 19, n.216, p. 03-13, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/47665>. Acesso em: 18 abr. 2025.
- CONDE, R. TERRITORY AND DETERRITORIALIZATION: A NOMADIC BECOMING IN THERAPEUTIC SUPPORT. **Revista Mythos**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 227–237, 2024. DOI: 10.36674/mythos.v21i2.909. Disponível em: <https://www.periodicos.unis.edu.br/mythos/article/view/909> Acesso em: 18 abr. 2025.

FURLANI, Jimena. "A narrativa 'ideologia de gênero' – Impactos na educação brasileira e nas políticas de identidade. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane. **Educação, Gênero e Sexualidade:** (im)pertinências. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 335-361.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PEREZ, D; ACHÔA, G; SILVESTRE, L. FORMAÇÃO DE PSICÓLOGO PARA SAÚDE PÚBLICA: UM ESTUDO DESCRITIVO. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 1-18, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.23900/2359-1552v13n2-220-2024>.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton et al. (Orgs.). **Território. Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 15-20.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da Exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2014.

Submetido em: 10/04/2025 | Aceito em: 30/06/2025 | Publicado em: 18/08/2025